

Identificação de cerâmicas em faiança portuguesa nos casarões do centro histórico da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul

Identification of ceramics in Portuguese faience in mansions in the historical center in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul

Keli Cristina Scolari*
Margarete R.F. Gonçalves**

Resumo: Este trabalho contém informações acerca da história, procedência e manufatura de peças em faiança portuguesa localizadas na Praça do Centro Histórico da cidade de Pelotas, RS, Brasil. A pesquisa baseou-se na identificação e análise das peças das platibandas dos Casarões Barão de Cacequi, Barão de São Luís e Barão de Butuí. Os prédios, em estilo eclético, foram construídos no final do século XIX, no período do apogeu econômico da cidade e da sociedade pelotense. No Casarão do Barão de Cacequi, das oito esculturas que representavam a América, África, Ásia e Europa, e as estações do ano, somente cinco foram encontradas, bem como três vasos foram localizados. No Casarão do Barão de São Luís, das seis esculturas, que representavam as artes, a indústria, o comércio, a agricultura e a gratidão (duas), todas foram encontradas. No Casarão do Barão de Butuí, as treze esculturas e quatro vasos não foram localizados. A análise das esculturas mostrou que as mesmas foram obtidas comercialmente, importadas de Portugal. A comprovação disto encontra-se na presença de marcas em baixo relevo e inscrições da "Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devesas", localizada na cidade de Vila Nova de Gaia, em Portugal, e na identificação das peças em um catálogo da fábrica, de 1910, no qual constam mais de mil peças. O catálogo era, na época, a forma utilizada pelas fábricas de cerâmica para a divulgação e comercialização de seus produtos. Para a análise do estado de conservação das esculturas foram elaboradas fichas catalográficas. No começo de 2010, no primeiro levantamento, as peças estavam em péssimo estado de conservação, apresentando muitas patologias. Atualmente, as esculturas do Casarão do Barão de Cacequi estão sendo restauradas e as esculturas do Casarão do Barão de São Luís foram restauradas no final de 2010.

Palavras-chaves: Patrimônio. Faiança Portuguesa. Conservação.

Abstract: This paper presents information about history, origin and manufacture parts in Portuguese faience located in Historic Centre of Pelotas, RS, Brazil. The research was based on the identification and analysis of parts of the parapet's Cacequi Baron, Baron of St. Louis and Baron Butuí houses. The buildings in the eclectic style, were built in the late nineteenth century, period of economic boom of the city and of Pelotas society. In the house of Baron Cacequi, eight sculptures, representing the America, Africa, Asia and Europe, and the seasons of the year, only five were found and the three vessels were located. In the house of the Baron of St. Louis, six sculptures, representing the arts, industry, commerce, agriculture and gratitude (two), were found. In the house of Baron Butuí the thirteen sculptures and four vessels were found. The analysis of these sculptures have shown that they were imported from Portugal. The presence of brands in low relief and in the inscriptions saying "Ceramics Factory and Foundry of Devesas", located in Vila Nova de Gaia, Portugal, parts identification in a

* Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel

** Doutora em Engenharia. Universidade Federal de Pelotas.

catalog of factory, 1910, which included more than a thousand pieces, are strong elements to sustain our demonstration. At that time, catalogues were the common form used by the ceramic factories for disclosure and marketing of their products. For the analysis of the conservation status of the sculptures was produced catalog cards. In early 2010, in the first survey the pieces were in disrepair, presenting many pathologies. Currently, the sculptures from the house of Baron Cacequi are being restored and the sculptures from the house of Baron of St. Louis were restored in late 2010.

Key-words: heritage. Portuguese faience. Conservation.

1 Introdução

A cerâmica é o artefato de maior relação com o desenvolvimento estético e, também, o que mais vem resistindo às revoluções promovidas pela humanidade. Muitas dessas peças artísticas constituem-se em um legado histórico da produção ceramista, tais como a azulejaria portuguesa que, por sua qualidade, é igualada a outras artes em voga na Europa, tais como a tapeçaria, ourivesaria e o mobiliário.

No Brasil, no período colonial, a cerâmica foi instrumento de composição de projetos arquitetônicos e de estilos artísticos, tais como o barroco, o neoclássico e o eclético. A grande maioria dos azulejos e ornatos existentes nas fachadas dos prédios destes estilos vinha importada da Europa, especialmente, de Portugal e da França.

No século XX, a conscientização acerca da importância de conservar a história das origens brasileiras fez surgir o interesse do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional e também de alguns grupos privados, como o Instituto Portucale de Cerâmica Luso-Brasileira, localizado no estado de São Paulo, pela leitura de cerâmicas artísticas portuguesas, como instrumento da memória de nossa colonização.

A cidade de Pelotas, localizada na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, distante 250 km da capital Porto Alegre, e uma das vinte e seis cidades que integram o Projeto Monumenta do Governo Federal, é detentora de um dos maiores acervos edificadas no estilo eclético do século XIX. Desde acervo, há 4 edificações com tombamento em nível federal, 1 em nível estadual, 10 no nível municipal e mais de 1700 prédios foram inventariados. A cidade possui um acervo de decoração cerâmica de fachada de grande beleza e qualidade, em sua maioria na forma de ornatos e esculturas que, atualmente, está sendo restaurado ou em processo de preservação. Esta condição levou à realização do presente trabalho que buscou identificar as peças cerâmicas existentes em edificações tombadas do patrimônio histórico da cidade,

identificadas como cerâmica em faiança originária de Portugal. Além disto, com vistas à conservação patrimonial, as peças cerâmicas em faiança foram avaliadas quanto à sua condição de degradação.

Os prédios das edificações pesquisadas são os casarões de números 2, 6 e 8 (Figura 1), localizados na Praça Coronel Pedro Osório, conhecidos como Casarão do Barão de Cacequi, Casarão do Barão de São Luís e Casarão do Barão de Butuí.



Figura 1 – Imagem dos Casarões Barão de Butuí, Barão de São Luís e Barão de Cacequi, localizados na Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas, RS, s/data.

Fonte: Acervo de Nelson Nobre, Universidade Católica de Pelotas, 2011.

Para o desenvolvimento deste trabalho, inicialmente, pesquisou-se a origem das esculturas em faiança bem como sua tecnologia de produção. Posteriormente, fez-se a identificação visual, documentada fotograficamente, e a catalogação das peças cerâmicas existentes nos Casarões. Depois disso, compararam-se os exemplares obtidos com peças existentes em um catálogo da Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas (Figura 2), editado em 1910, adquirido pela autora deste trabalho em viagem a Portugal, no ano de 2011.



Figura 2 – Foto da capa do catálogo da Fábrica Cerâmica e de Fundação das Devezas, editado em 1910.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2012.

2 A cerâmica portuguesa

Na Europa, a cerâmica esteve presente ao longo do crescimento histórico e cultural dessa região. Ao se acompanhar a história da Idade Média, do Renascimento, da Revolução Francesa, bem como, da era Napoleônica, ver-se-á a existência de vários elementos que mostram como a cerâmica participou com grande influência no desenvolvimento das artes no Velho Mundo. Na cerâmica européia destacou-se a produção alemã, austríaca, espanhola, francesa, inglesa, italiana e portuguesa.

A cerâmica portuguesa desenvolveu-se nos séculos XVI, XVII e XVIII e, assim como a espanhola, recebeu influência significativa dos árabes. Os oleiros portugueses acrescentaram às características da cerâmica moura muita criatividade e sensibilidade, vindo a produzir louças, peças artísticas e azulejos de grande qualidade e acabamento (QUEIRÓS, 1987).

A produção de cerâmica ornamental começou em Portugal no século XVII, tendo esta se tornado uma das mais elaboradas da Europa. Nessa época, surgiram excelentes ceramistas que modelavam tanto peças de uso doméstico quanto objetos de ornamentação que se sobressaíam pelo colorido dos esmaltes e pela originalidade. Eram produzidos vasos, louças de cozinha, azulejos e esculturas que eram exportadas, principalmente, para o Brasil e que, muitas vezes, vinham na condição de lastro dos navios.

No final do século XVIII, começou, em Portugal, a utilização do azulejo em fachadas. Segundo os historiadores Barata (1987) e Simões (1965), o revestimento de fachadas com azulejos iniciou-se no Brasil, possivelmente, para solucionar os problemas climáticos, de limpeza e de economia. As fachadas azulejadas tornaram-se coloridas e sem a preocupação de desgaste das cores, o que ocorria quando eram aplicadas as tintas convencionais.

Com a produção azulejar fortificada, artefatos cerâmicos, que antes eram utilizados como adornos de jardins, se destacaram, passando do chão para as platibandas e frontarias dos prédios, sendo usados como mais um elemento estético para as fachadas dos casarões e palacetes.

No século XIX, no período de 1808 a 1840, a produção de cerâmica portuguesa teve seu declínio, ocasionado pelas constantes invasões napoleônicas, pelos saques dos invasores e, mais relevante, devido à vinda da Rainha D. Maria I e de sua corte para o Brasil (SANTOS, 2007, p. 31). Este cenário econômico só mudou com o fim da Guerra Napoleônica, em 1834, o que permitiu com que as fábricas voltassem a receber encomendas e a economia portuguesa se reerguesse. Também nesse período ocorreu o retorno da Rainha e de sua corte para Portugal, mas os laços econômicos com o Brasil se mantiveram sólidos e se expandiram. As exportações de produtos portuguesas se intensificaram.

Em Portugal, a produção dos elementos decorativos, após o declínio, concentrou-se e intensificou-se nas cidades do Porto, Vila Nova de Gaia e Lisboa. As principais unidades fabris que se destacaram foram a Real Fábrica do Rato, a Fábrica Miragaia, a Fábrica Santo Antônio do Vale da Piedade, a Fábrica Massarelos, a Fábrica da Vista Alegre, a Fábrica da Viúva Lamego, a Fábrica da Rua da Imprensa Nacional, a Fábrica Carvalhinho, a Real Fábrica de Louça Fervença, a Fábrica do Senhor de Além, a Fábrica Cavaquinho, a Fábrica Pereira Valente, a Fábrica da Torrinha, Empresa Electro-Cerâmica e a Fábrica de Cerâmica e de Fundação das Devezas.

A produção de cerâmica ornamental portuguesa manteve-se até a primeira metade do século XX. Neste período, as exportações para o Brasil entraram em declínio, motivadas pela indústria cerâmica brasileira que se desenvolveu no país.

3 A cerâmica em Faiança

Pode-se afirmar, com bases em estudos arqueológicos, que a cerâmica baseia-se na mais antiga transformação química praticada pelo homem, que é propiciada pelo endurecimento de silicatos hidratados de alumínio por meio de cozimento, obtendo-se peças

porosas, duras e resistentes. Em função de suas propriedades, os objetos cerâmicos podem ser classificados como materiais porosos (absorventes) que são as terracotas, as louças (pó de pedra e faiança ou louça branca) e não porosos (não-absorventes) nos quais se incluem o grés e a porcelana.

Os artefatos em faiança ou louça branca são obtidos a partir de uma argila muito plástica que, após o seu primeiro cozimento, com temperaturas entre 1050° a 1150°C, apresentam-se porosos, resistentes e, geralmente, com coloração marfim clara. Para tornar a peça impermeável, mais resistente, dura e sonora (som metálico) aplica-se esmalte ou verniz à base de óxido de chumbo ou óxido estanho, e faz-se uma segunda cozedura com temperatura inferior a da primeira queima, de aproximadamente 850°C. A cerâmica em faiança é usada na produção de esculturas, vasos (Figura 3), pinhas, pratos, xícaras, jaras, etc.



Figura 3 - Vaso em faiança, Fábrica Santo Antônio do Vale da Piedade, Porto, Portugal. Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2009.

As peças cerâmicas em faiança ainda podem sofrer uma terceira queima quando, sobre estas, são aplicadas decorações que não resistem às altas temperaturas, tais como o ouro e o vermelhão. Para a execução desta queima, geralmente, são utilizados os fornos de mufla. Além disto, os objetos cerâmicos de uso doméstico ou artístico ainda podem ter sua beleza realçada com a aplicação de diferentes técnicas de decoração que, geralmente, devido à sua maior delicadeza e habilidade, são executadas por mulheres. As técnicas de decoração mais usuais são a pintura a pincel, as fendas, as perfurações, os esgrafiados, os relevos (com engobe, modelada a mão e com vernizes ou esmaltes), os pigmentos metálicos, o decalque, a serigrafia e a estampilhagem.

As cerâmicas, em geral, podem sofrer deterioração durante a manufatura, ou pelo uso contínuo, por intervenções inadequadas e por fatores ambientais.

As patologias que ocorrem por erro de produção são consequência da qualidade das matérias-primas e dos processos de manufatura, tais como eflorescência ou doença da cerâmica, empoamento do vidrado ou esmalte. As patologias por uso e intervenções ocorrem por abrasão, colagem inadequada, deposição, destacamento ou descolamento do revestimento, despigmentação, esbeaçadela, estalado, fissuras (fissura superficial ou fio de cabelo e a fissura da chacota), fratura e lacuna. As patologias causadas por fatores ambientais são identificados como manchas, presença de microrganismos, pulverulência e sujidades generalizadas.

4 Resultados e discussões

Nos Casarões pesquisados fez-se uma breve revisão sobre a sua história e características arquitetônica, acompanhada do levantamento fotográfico das cerâmicas em faiança existentes nos mesmos.

- **Casarão Barão de Butuí**

O prédio do Casarão Barão de Butuí, também, conhecido como Casarão 2, foi construído no estilo colonial, antes de 1830. Teve como seu primeiro proprietário o charqueador José Vieira Vianna que, segundo a pesquisadora Chevalier (2002), vendeu a propriedade para o charqueador José Antônio Moreira, então Barão de Butuí. Em 1880, o casarão sofreu uma reforma, possivelmente, realizada pelo construtor italiano José Isella, que inseriu uma platibanda vazada com cento e quarenta e um balaustres, pedestais com esculturas e vasos, um frontão central e balcões nas janelas superiores (CHEVALIER, 2002). Essas modificações no prédio alteraram o seu estilo colonial para o estilo eclético (Figura 4).



Figura 4 – Fachada do Casarão Barão de Butuí, posterior a 1880, com as cerâmicas na platibanda.
Fonte: Acervo Secretária Municipal de Cultura, 2011.

No ano de 1970 o prédio foi vendido para a Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil (APLUB) e as esculturas e vasos em faiança da platibanda foram removidos pela antiga proprietária, Senhora Inah Bordagorry de Assumpsão (Figura 5).



Figura 5 – Fachada do casarão Barão de Butuí, posterior a 1970, sem as peças cerâmicas da platibanda.
Fonte: Acervo Secretária Municipal de Cultura, 2011.

Em 1977, o casarão foi tombado pela antiga Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e, neste momento, a Prefeitura Municipal entra com um processo de desapropriação do prédio. Nesse período, a partir da Lei Municipal nº 2365/77, foi criada a Fundação Museu de Pelotas que assumiu a responsabilidade de restaurar o prédio.

As obras de restauração foram comandadas pelo pintor e restaurador pelotense, Sr. Adail Bento Costa. Entretanto, em 1980, com o seu falecimento, as obras de recuperação do prédio foram interrompidas.

Em 1987 as obras de restauração são retomadas, sendo recuperadas as esquadrias e pisos do pavimento superior e, em 1999, após um período de abandono, que resultou na queda da cobertura e em ações de vandalismo, retomou-se a recuperação do prédio. Nessa época, foram colocadas peças cerâmicas nas fachadas e na camarinha diferentes das originais, com dimensões menores e com uma modelagem de pouca qualidade e que não permite a identificação de sua representação (Figura 6). Por este motivo, neste prédio, não foi possível a realização do levantamento e da identificação das peças cerâmicas originais, sendo este feito apenas em acervos fotográficos, a partir de fotos antigas.



Figura 6 - Esculturas existentes, atualmente, na platibanda do Casarão Barão de Butuí.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2011.

Em 2004 a obra de restauração foi retomada sendo esta concluída em 2005 (Figura 7).



Figura 7 – Fachada atual do Casarão do Barão de Butuí.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2012.

- **Casarão Barão de São Luís**

O prédio do casarão Barão de São Luís (Figura 8), também, conhecido como Casarão 6, foi construído em 1879, pelo construtor José Isella, para servir de residência ao Barão de São Luís, Dr. Leopoldo Antunes Maciel, e sua esposa Dona Cândida Moreira de Castro, filha do Barão de Butuí.



Figura 8 – Fachada atual do Casarão Barão de São Luís, restaurado em 2011.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2012.

Segundo Santos et al. (2010), pela sobriedade do programa ornamental, o prédio se caracterizaria em estilo eclético, seguindo algumas influências clássicas como a simetria da fachada, onde a parte central é recuada formando um jardim, que é o acesso principal a casa, e as laterais estão alinhadas com o passeio público.

Na fachada, a platibanda é constituída de quarenta e nove balaustres e quatro esculturas em faiança. No frontão triangular há duas esculturas em faiança. As esculturas da platibanda (Figura 9) representam as artes, a indústria, o comércio, a agricultura; as esculturas do frontão (Figura 10) são idênticas e representam a gratidão.

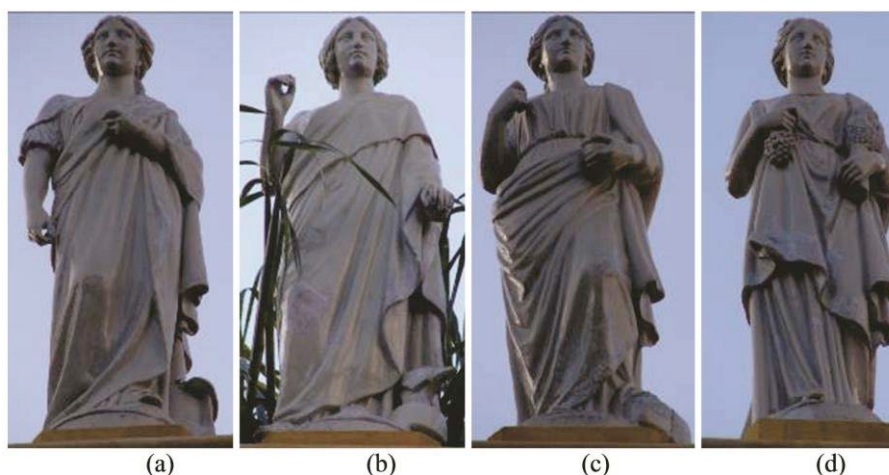


Figura 9 – Esculturas em faiança existentes na platibanda do Casarão Barão de São Luís.
(a) Artes (b) Indústria (c) Comércio (d) Agricultura.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2011.



Figura 10 – Duas esculturas em faiança existentes no frontão do Casarão Barão de São Luís, ambas representando a Gratidão.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2011.

- Casarão Barão de Cacequi

O Casarão Barão de Cacequi, conhecido como Casarão 8, foi construído em 1879, por José Isella para ser a residência do senhor Francisco Antunes Maciel, o Barão de Cacequi. A edificação é em estilo eclético, possuindo duas fachadas distintas, uma vez que o prédio está localizado em uma esquina (Figura 11).



Figura 11 - Fachada atual do prédio do Casarão Barão de Cacequi. Situação atual.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2012.

O prédio possui uma platibanda vazada com cento e seis balaustres, nove esculturas, das quais três estão desaparecidas, e três vasos. A figura 12 apresenta as esculturas existentes na platibanda, representativas do Verão, Inverno, Primavera, Outono (fachada norte), Europa e Ásia (fachada oeste), e na figura 13 os três vasos na forma de Krater, vasilha grega que misturava vinho e água, encontrados um na fachada norte e dois na fachada oeste.

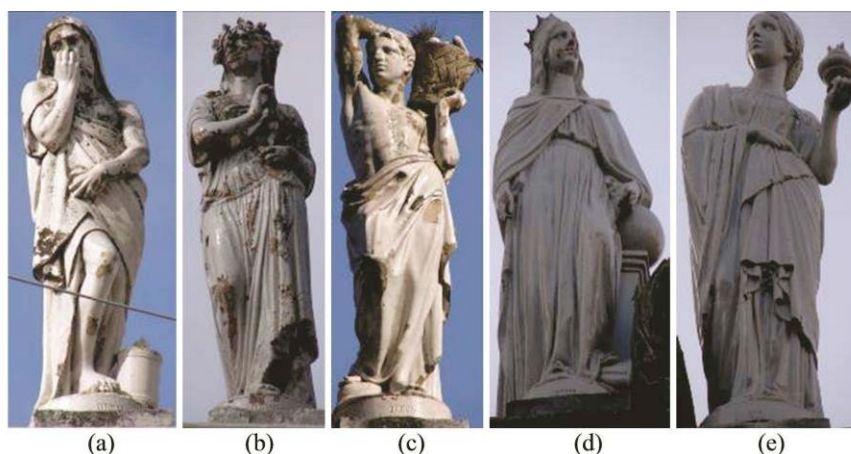


Figura 12 - Esculturas em faiança existentes na platibanda do Casarão Barão de Cacequi.
(a) Inverno (b) Primavera (c) Outono (d) Europa (e) Ásia.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2011.



Figura 13 – Vasos em faiança existentes na platibanda do Casarão Barão de Cacequi.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2011.

A identificação de peças de cerâmica em faiança portuguesa nos casarões foi feita a partir da presença de registro em baixo relevo e de inscrições, em azul cobalto, com o nome da fábrica portuguesa Fábrica das Devezas, que aparece em algumas esculturas (Figura 14).



Figura 14 – Exemplo de registro e inscrição encontrados nas cerâmicas das platibandas dos casarões 6 e 8.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2011.

A identificação do nome da fábrica portuguesa motivou a busca de informações sobre a origem, manufatura e produtos fabricados pela referida indústria e, também, na aquisição de um exemplar do catálogo de produtos da Fábrica de Cerâmica e de Fundação das Devezas (Figura 2), editado em 1910, e o qual foi adquirido pela autora em 2011.

O estudo sobre a Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas, localizada em Vila Nova de Gaia, mostrou que esta foi uma das maiores indústrias de peças cerâmicas em faiança, existente em Portugal. A indústria foi fundada em 1865, por Antônio Almeida da Costa, José Joaquim Teixeira Lopes e Bernardo José Soares Breda, com o nome Fábrica de Cerâmica das Devezas (CATÁLOGO..., 1910; DOMINGUES, 2003).

A sociedade Costa, Breda & Teixeira Lopes se desfez em 1870. Antônio Almeida da Costa ficou com a fábrica, tendo comprado a parte de Bernardo José Soares Breda e a de José Joaquim Teixeira Lopes. Este último, mesmo saindo da sociedade, continuou como criador artístico da fábrica.

Em 1874, Antônio Almeida da Costa, José Joaquim Teixeira Lopes e Feliciano Rodrigues da Rocha formam uma nova sociedade financeira, denominada Antônio Almeida da Costa & C.A, a qual foi desfeita no ano de 1880, mas a fábrica continuou a funcionar com a administração de Antônio Almeida da Costa e o apoio de seus ex-sócios.

Em 1882, a Fábrica de Cerâmica das Devezas, além da produção cerâmica, passou também a produzir peças em metal fundido e a chamar-se Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas. No início do século XIX, a fábrica publicou diversos catálogos para promover os objetos produzidos. No Brasil a empresa possuía um depósito na cidade do Rio de Janeiro, na Rua 7 de setembro, n. 45.

Em 1909, José Joaquim Teixeira Costa, já com idade avançada, deixa a fábrica e surgem dois novos administradores, o Sr. Aníbal Marani Pinto e o Sr. Eduardo Rodrigues Nunes, que introduzem energia elétrica e melhorias. Mas, em 1913, um incêndio destrói parcialmente as dependências da fábrica. Antônio Almeida da Costa muito triste e vencido pela idade morre no ano de 1915. Passados alguns anos, em 1920, com a administração de Raúl Mendes de Carvalho, natural de Caldas da Rainha, a fábrica foi reaberta. As atividades de produção duraram por cerca de sessenta anos, até 1980, quando fecha as portas em total decadência (DOMINGUES, 2003), mas a fábrica ainda existe no papel até os dias de hoje.

O catálogo de produtos da Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas, utilizado como parâmetro neste trabalho, possui trinta e sete páginas, sendo as seis primeiras constituídas por informações sobre o endereço da fábrica e de suas sucursais, foto dos fundadores e processo de venda dos produtos e das imagens. As trinta e uma páginas restantes são dedicadas ao mostruário que contém imagens de

figuras, bustos, animais, vasos, jarras, globos, colunas, pirâmides, floreiras, garrafas, talhas, balaustres e fornos para coser pão; peças de sanitários; artefatos de mármore e gesso; peças para fundição e serralheria; azulejos e mosaicos cerâmicos e hidráulicos. A figura 15 mostra como as características e os preços dos produtos eram apresentados.

N.ºs	DESIGNAÇÕES	Altura	Base		Preços por peça		Observações
					Fosco	Vitrado	
48	Industria	1,10	0,30	0,30	6\$000	8\$000	
49	Agricultura	»	»	»	»	»	
50	Artes	»	»	»	»	»	
51	Fé	1,30	0,43	0,43	7\$000	10\$000	
52	Esperança	»	»	»	»	»	
53	Caridade	»	»	»	»	»	
54	»	1,10	0,30	0,30	6\$000	8\$000	
55	Consciência	1,30	0,35	0,35	7\$000	10\$000	
56	Gratidão	»	»	»	»	»	
57	Saudade	1,10	0,38	0,38	6\$000	8\$000	
58	»	0,80	0,25	0,25	4\$500	6\$500	
59	Bondade	0,70	0,21	0,21	3\$000	4\$500	
60	Amizade	»	»	»	»	»	
61	Saude	»	»	»	»	»	
62	Sabedoria	»	»	»	»	»	
63	Fidelidade	0,72	0,64	0,45	9\$000	12\$000	
64	Marinha	1,30	0,35	0,35	7\$000	10\$000	
65	»	0,80	0,27	0,27	4\$500	6\$500	
66	Pesca	1,30	0,35	0,35	8\$000	11\$000	
67	Naiade	»	»	»	7\$000	10\$000	

N. B. — Para qualquer d'estas figuras, grupos, bustos, etc., etc., o preço que é indicado em fosco entende-se em branco ou em vermelho. Sendo pintados a óleo, a fingir marmore ou granito custam mais 30 % sobre o preço do fosco; bronzeados 40 %; a caracter 60 % e matizados a cores d'várias 25 %. Quando se exija uma figura ou grupo, etc., que tenha de ser transformada ou mesmo modulada propositivamente, depende de orçamento especial.

Temos, além d'isto, uma secção de fundição em metaes, convenientemente montada e dirigida por competentissimo pessoal, para a confecção d'estes artigos em bronze, zinco, ferro, etc., etc.

Figura 15 – Imagem de uma folha do mostruário do catálogo de produtos da Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas, editado em 1910.

Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2011.

A partir do catálogo, fez-se uma análise comparativa entre as fotos do levantamento fotográfico das peças cerâmicas dos casarões com imagens impressas. Na análise foram observados os elementos constituintes, as características dimensionais, os panejamentos e os atributos que eram característicos de cada representação.

As figuras 16 e 17 apresentam a análise feita entre fotos de esculturas das platibandas dos casarões 6 e 8 e fotos das esculturas impressas no catálogo.



Figura 16– (a) Escultura Gratidão, existente no frontão do prédio do Casarão Barão de São Luís, (b) Imagem do catálogo da Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2011.

Analisando a escultura da platibanda do casarão Barão de São Luís, apresentada na figura 16a, observa-se ser uma figura de uma mulher que se encontra em pé, com os cabelos repartidos ao meio e presos em um rabo de cavalo, olhando para frente, com o braço direito semiflexionado e o braço esquerdo quase reto. Seu colo está desnudo, as vestes estão caídas com pregas muito volumosas. A perna e o pé direito estão retos e a perna esquerda está semiflexionada. Toda a escultura apoia-se sobre uma base circular na qual aparece a inscrição em baixo relevo, “Gratidão”, a qual se caracteriza como uma mulher jovem que carrega na mão direita uma cegonha, símbolo representativo do agradecimento, e na mão esquerda um ramo de fava, representando a fertilidade da terra, e aos seus pés se encontra um elefante, simbolizando a cortesia e a gratidão (RIPA, s/data).

Comparando-se os elementos constituintes e o panejamento da escultura do casarão Barão de São Luís com a imagem do catálogo (fig. 16b) observa-se a similaridade entre as peças e que, provavelmente, a escultura do casarão foi adquirida à Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas.



Figura 17 – (a) Escultura Europa, existente no frontão do prédio do Casarão Barão de Cacequi, (b) Imagem do catálogo da Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas.
Fonte: Acervo Keli C. Scolari, 2011.

Analisando a escultura da platibanda do casarão Barão de Cacequi, apresentada na figura 17a, observa-se a figura de uma mulher que se encontra em pé, os cabelos caídos sobre os ombros e repartidos ao meio, a cabeça e o olhar ligeiramente inclinados para o lado direito, o braço direito reto e com a mão fechada, o braço esquerdo quase reto, com sua mão apoiada sobre uma coluna e um globo, o seu colo está desnudo e possui um manto sobre o vestido com pregas muito volumosas. A perna e o pé direito estão retos e a perna esquerda semi-flexionada sobre a cornija. Toda a escultura apóia-se sobre uma base circular e onde aparece a inscrição em baixo relevo “Europa”. Verifica-se que esta alegoria se caracteriza pela figura de uma mulher magnificamente vestida com uma coroa na cabeça, com a mão apoiada em um globo, demonstrando a supremacia do império romano sobre o universo. A figura possui uma cornija em seus pés, demonstrando abundância e fertilidade.

Comparando-se os elementos constituintes e o panejamento da escultura do casarão Barão de Cacequi com a imagem do catálogo (fig. 17b) observa-se a similaridade entre as peças e que, provavelmente, a escultura foi forjada na Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas. A ausência do cetro se justifica, possivelmente, pela sua fragilidade e menor resistência, porque era confeccionado, possivelmente, em madeira (GRAVELOT; COCHIN, 1994).

Quanto ao estado de conservação das peças cerâmicas em faiança encontradas nas platibandas dos casarões, em 2010, quando se inicia este trabalho, foram observadas patologias, tais como a presença fungos, perdas de suporte e sujidade, possivelmente, causadas pela exposição à intempérie e falta de manutenção.

Atualmente, ano de 2012, as esculturas e os vasos do casarão Barão de Cacequi se encontram em processo de restauro e as do casarão Barão de São Luis foram restauradas, no final de 2010.

5 Conclusões

Os resultados deste trabalho possibilitam inferir as seguintes conclusões:

- Foram identificados os elementos constituintes, as características dimensionais, os panejamentos e os atributos característicos de representação das peças cerâmicas em faiança existentes nas platibandas dos casarões Barão de Cacequi e Barão de São Luís.
- A partir das peças cerâmicas encontradas nas platibandas dos casarões, foi possível identificar como fornecedora a indústria portuguesa Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas.
- A metodologia de análise comparativa entre as fotos das peças cerâmicas em faiança originais encontradas nos prédios dos casarões com as imagens impressas no catálogo da Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas, editado em 1910, foi eficiente como ferramenta de identificação dos produtos.
- A identificação da Fábrica de Cerâmica e de Fundição das Devezas como fornecedora das peças em faiança para os casarões em estudo torna possível a realização de restaurações eficientes e com a utilização de materiais adequados.

Referências

- BARATA, Mário. *As condições do uso da azulejaria de revestimento externo no Brasil e em Portugal: relacionamento parcial com clima do trópico, no primeiro país*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1, 1986. Recife: FUNDAJ/Massangara, 1987.
- CATÁLOGO DA FÁBRICA CERÂMICA E DE FUNDIÇÃO DAS DEVEZAS. Vila Nova de Gaya, Portugal, 1910.
- CHEVALIER, Ceres. *Vida e obra de José Isella: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX*. Pelotas: Livraria Mundial, 2002.
- DOMINGUES, Ana Margarida Portela. *A fábrica de Cerâmica das Devesas - Patrimônio Industrial em Risco*. Portugal: Faculdade de Letras do Porto, 2003.
- GRAVELOT, Hubert F.; COCHIN, Charles N. *Iconología*. México: Universidad Iberoamericana, 1994.
- QUEIRÓS, José. *Cerâmica Portuguesa*. Aveiro: Livraria Estante Editora, 1987.
- RIPA, Cesare. *Iconologia*. Tomo I. Madri: Ediciones Akal, S. A.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila; DUTRA, Amanda; MACEDO, Jamila L.; PEREIRA, Letícia A.; SANTOS, Davi D. *Elementos Funcionais e Ornamentais da Arquitetura Eclética Pelotense: 1870 - 1931 - Estatuária*. Pelotas: UFPEL: IAD, 2010. Artigo 9º Seminário de História da Arte.
- SANTOS, Cláudia Emanuel Franco dos. *Artes decorativas nas fachadas da arquitetura Bairradina*. Porto: Universidade Portucalense, 2007 (vols. I e II).
- SIMÕES, João Miguel dos Santos. *Azulejaria Portuguesa no Brasil*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

Submetido em 07.11.2012

Aceito em 05.09.2013